



## **A transmissão intergeracional do saber-fazer oleiro em Tracunhaém: estratégias para a continuidade das técnicas tradicionais**

### ***The Intergenerational Transmission of Pottery Craftsmanship in Tracunhaém: Strategies for the Continuity of Traditional Techniques***

**Carolina Melo Nobre, Mestranda, UFPE.**

**Virgínia Pereira Cavalcanti, Professora titular do departamento de Design, UFPE.**

Número da sessão temática da submissão – [ 1.2 ]

#### **Resumo**

A cerâmica tradicional de Tracunhaém-PE representa um patrimônio cultural e técnico transmitido entre gerações por mestres oleiros, cuja prática expressa uma profunda relação entre corpo, matéria e território. Essa continuidade, porém, tem sido ameaçada por transformações sociais, econômicas e institucionais que comprometem a formação de novos oleiros. Este artigo, resultado parcial de uma pesquisa de mestrado em andamento, investiga como o design pode contribuir para estratégias de continuidade do saber-fazer cerâmico, com foco na modelagem no torno. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, observação participante, etnografia visual e entrevistas semiestruturadas com mestres atuantes na cidade. Os dados de campo, ainda preliminares, indicam que o aprendizado no torno exige tempo, prática constante e espaços adequados para o ensino. Com base nesses achados iniciais e no diálogo com autores como Andrade e Cavalcanti, Borges e Krucken, são sugeridas possibilidades para a salvaguarda do ofício, como oficinas intergeracionais, documentação sensível e redes colaborativas. Conclui-se que o design, compreendido como mediador cultural e estratégico, pode contribuir significativamente na articulação entre tradição e inovação, promovendo formas sustentáveis de transmissão do saber-fazer artesanal.

**Palavras-chave:** Transmissão intergeracional; Design territorial; Tracunhaém; Oleiros.

#### **Abstract**

*The traditional pottery in Tracunhaém, Pernambuco (Brazil), represents a cultural and technical heritage passed down through generations by master potters, whose practice reflects a deep connection between body, material, and territory. However, this continuity has been threatened by social, economic, and institutional changes that affect the training of new artisans. This article, a partial result of ongoing master's research, investigates how design can contribute to strategies for sustaining ceramic craftsmanship, with a focus on wheel-based modeling. The study adopts a qualitative approach, including literature review, participant observation, visual ethnography, and semi-structured interviews with active master potters in the city. Preliminary field data indicate that learning the potter's wheel requires time, constant practice, and adequate spaces for instruction. Based on these initial findings and in dialogue with authors such as Andrade e Cavalcanti, Borges, Krucken, the article suggests possibilities for safeguarding the craft, such as intergenerational workshops, sensitive documentation, and collaborative networks. It concludes that design, understood as a cultural and strategic mediator, can meaningfully contribute to bridging tradition and innovation, fostering sustainable ways of transmitting artisanal knowledge.*

**Keywords:** Intergenerational transmission; Territorial design; Tracunhaém; Potters.

## 1. Introdução

A cidade de Tracunhaém, localizada na Zona da Mata Norte de Pernambuco, consolidou-se como um dos principais polos de produção cerâmica do Brasil. Seu artesanato abrange desde a olaria utilitária até a arte figurativa, refletindo uma tradição secular na qual o conhecimento técnico é transmitido entre gerações. No centro dessa prática estão os mestres oleiros, que utilizam o torno para modelagem de peças cerâmicas, eles são responsáveis por preservar e ensinar as técnicas tradicionais. Contudo, esse saber-fazer enfrenta desafios crescentes, colocando em risco não apenas a continuidade dessas técnicas, mas também a sustentabilidade econômica e cultural da comunidade.



**Imagem 1: Pórtico da entrada de Tracunhaém (PE). Fonte: Autora**

A transmissão intergeracional do conhecimento oleiro, historicamente baseada na convivência familiar e no aprendizado prático, vem sendo impactada por transformações sociais e econômicas. A redução do número de aprendizes, a desvalorização do trabalho artesanal e a ausência de políticas de incentivo comprometem a renovação dos mestres e a permanência da cerâmica como meio de vida. Nesse contexto, garantir a continuidade desse saber-fazer torna-se um aspecto essencial para o desenvolvimento sustentável, permitindo que o ofício cerâmico continue gerando trabalho, identidade e pertencimento para a comunidade.

Este artigo propõe uma reflexão sobre como o design pode atuar como mediador na formulação de estratégias que fortaleçam a transmissão intergeracional do saber-fazer oleiro, garantindo sua continuidade dentro de um modelo sustentável. A pesquisa investiga de que forma a estruturação de métodos didáticos, oficinas intergeracionais e redes de colaboração entre mestres e aprendizes pode consolidar esse conhecimento técnico ao longo do tempo. Para isso, fundamenta-se nos campos do Design e da Antropologia da Técnica, mobilizando autores como Marcel Mauss (1934), Tim Ingold (2011) e Fábio Mura (2011) para discutir a aprendizagem incorporada e a transmissão dos saberes artesanais. No campo do design, autores como Andrade e Cavalcanti (2006), Adélia Borges (2011) e Lia Krucken (2009) são mobilizados para entender como o design pode contribuir para fortalecer essas práticas sem descaracterizá-las.



Ao focar na continuidade do saber-fazer como estratégia de sustentabilidade, este estudo busca contribuir para a construção de soluções concretas que garantam a formação de novas gerações de mestres oleiros. Dessa forma, o design pode atuar não apenas na valorização da cerâmica tradicional, mas também no fortalecimento das condições necessárias para que esse conhecimento permaneça vivo e produtivo no futuro.

## **2. Procedimentos metodológicos**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, com o objetivo de compreender como o saber-fazer oleiro é transmitido entre gerações em Tracunhaém e de que maneira o design pode contribuir para a continuidade dessas práticas. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento no campo do Design, que investiga as técnicas tradicionais de modelagem no torno utilizadas por mestres oleiros da cidade.

A pesquisa combina revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas semiestruturadas. As etapas de campo realizadas até o momento ocorreram nos dias 08 e 15 de dezembro de 2024 e 23 de janeiro de 2025, com visitas ao Centro de Artesanato de Tracunhaém, prefeitura da cidade e aos ateliês Lenny's Artes em Barro, Mana Arte Cerâmica, Dinho de Zezinho e Mestre Zezinho Neto, Zuza Batista, Jair Monteiro, Nielson Artes, Artesanato do Paulo e Tibúrcio.

Durante essas visitas, foram feitas anotações de campo, registros fotográficos e em vídeo, bem como entrevistas semiestruturadas individuais, com os mestres Oleiros Tibúrcio e Jair Monteiro. As entrevistas abordaram trajetórias pessoais, formas de aprendizagem, percepção sobre os aprendizes e desafios enfrentados na continuidade do ofício.

Além do trabalho de campo, o levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa foi essencial para refletir sobre possíveis estratégias de continuidade. Inspiraram-se particularmente os casos de requalificação do objeto artesanal analisados por Adélia Borges (2011), bem como as experiências relatadas por Ana Maria Andrade e Virgínia Cavalcanti (2006) no âmbito do projeto Imaginário Pernambucano, que articulam design, cultura e desenvolvimento local. Esses estudos serviram de base para pensar como o design pode mediar processos de fortalecimento das práticas artesanais, sem romper com suas lógicas tradicionais, contribuindo com ferramentas e abordagens que respeitam os tempos, saberes e modos de vida dos artesãos.

## **3. Design e transmissão intergeracional do saber fazer**

O design pode desempenhar um papel essencial na estruturação de estratégias que assegurem a continuidade do saber-fazer oleiro, atuando como facilitador na criação de condições que favoreçam o aprendizado e a permanência da prática cerâmica em Tracunhaém. No contexto da transmissão intergeracional, o design não deve ser visto apenas como um instrumento para a inovação do artesanato, mas como um mediador de processos que fortalecem a aprendizagem, a documentação e a valorização do ofício.



Um dos desafios enfrentados pelos mestres oleiros é a falta de espaços e condições adequadas para a formação de novos aprendizes. Em muitos casos, o ensino ocorre de maneira informal, sem estrutura ou tempo suficiente para a experimentação necessária à assimilação das técnicas. Como destaca Marcel Mauss (1934), o aprendizado técnico depende da repetição e da incorporação corporal dos gestos e movimentos específicos da prática. Nesse sentido, o design pode contribuir ao criar metodologias e ambientes propícios para a prática contínua no torno, garantindo que os aprendizes tenham acesso a um espaço onde possam errar, testar e aperfeiçoar suas habilidades sem a pressão da produção comercial.

### 3.1 O papel do design na continuidade das técnicas oleiras

O design pode desempenhar um papel estratégico na continuidade das práticas cerâmicas tradicionais, especialmente no contexto da modelagem no torno, ao atuar não apenas na valorização estética do artesanato, mas na estruturação de condições que garantam a permanência e a transmissão do saber-fazer entre gerações. Essa atuação, no entanto, exige uma compreensão ampliada do design como campo transdisciplinar, comprometido com processos colaborativos, territoriais e socialmente situados.

Como argumenta Adélia Borges (2011), a valorização do artesanato deve ultrapassar o campo simbólico e alcançar ações concretas que promovam sua sustentabilidade. Entre essas ações, estão a melhoria das condições técnicas de produção, a sistematização de processos e o fortalecimento de redes que conectem artesãos, designers, instituições e mercados. Borges também destaca que “as demandas mais frequentes para um designer num projeto de revitalização são inversamente proporcionais à ideia de protagonismo com que muitos se aproximam das comunidades” (BORGES, 2011, p. 133), ressaltando que o papel do design não é o de autor, mas de facilitador e mediador de processos.

Essa perspectiva se alinha à noção de Design Territorial proposta por Krucken (2009), na qual o design contribui para o desenvolvimento local ao atuar como interface entre identidade cultural, práticas produtivas e sistemas de inovação. No caso da cerâmica de Tracunhaém, isso significa pensar estratégias que respeitem a lógica do saber artesanal — baseado na oralidade, na repetição e na experimentação — e, ao mesmo tempo, ofereçam instrumentos para sua continuidade, como documentação sensível, espaços de prática, formação técnica e inserção em redes de circulação.

O design também pode contribuir para a criação de metodologias pedagógicas adaptadas ao contexto artesanal, que articulem teoria e prática sem desconsiderar a natureza incorporada do saber-fazer. Como mostram experiências analisadas por Andrade e Cavalcanti (2006), como o caso das bordadeiras de Pesqueira (PE), a construção de estratégias compartilhadas entre designers, artesãos e instituições pode resultar em processos de formação que respeitam os tempos e modos locais, ao mesmo tempo em que introduzem novas ferramentas e ampliam o reconhecimento social do ofício.

Além disso, o design pode atuar na mediação entre os diferentes saberes envolvidos — o técnico, o sensível, o institucional e o mercadológico — promovendo ações de documentação, formação e comercialização que estejam alinhadas aos interesses da comunidade. Esse papel é particularmente importante diante da urgência de registrar e transmitir técnicas que hoje residem em poucos mestres, como ocorre com a modelagem no torno em Tracunhaém.

Assim, o design deixa de ser apenas uma ferramenta de “inovação” aplicada ao produto final, e passa a ser compreendido como um dispositivo estratégico de escuta, articulação e continuidade. Seu papel é o de criar pontes: entre gerações, entre saberes, entre contextos. E

para isso, precisa se comprometer com os valores que sustentam a prática artesanal: o tempo do gesto, a escuta da matéria, a memória do território.

### 3.2 Técnica e Aprendizado Incorporado: a transmissão do conhecimento oleiro

A transmissão do saber-fazer oleiro não pode ser reduzida a um conjunto de instruções verbais ou manuais técnicos. Como argumenta Marcel Mauss (1934), as técnicas do corpo são adquiridas por meio da repetição e da experiência direta, tornando-se uma forma de conhecimento incorporado que não pode ser totalmente apreendido sem prática constante.

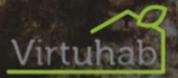
No caso da modelagem no torno, o domínio da técnica depende de um ajuste fino entre gestos, força e controle sobre a argila em movimento. Como aponta o Mestre Tibúrcio: “Porque tem que ter uma certa técnica, num sabe? Porque se não tiver, o barro não sobe não. Ele só quer cair. A gente tem que manejar ele pra ele aprumar e ficar, e a gente dominar ele.” Essa interação entre corpo e matéria não é apenas mecânica, mas sensível e responsiva. Como propõe Tito Tortori (2024), ‘o gesto do artesão é ao mesmo tempo um ato técnico e perceptivo, pois cada ajuste na pressão dos dedos ou na velocidade do torno traduz uma compreensão intuitiva e experiencial do ofício



**Imagem 2: Mestre Tibúrcio em sua olaria. Fonte: Autora**

Esse processo de interação contínua entre corpo e material é descrito por Tim Ingold (2013) como um aprendizado sensível, no qual a habilidade surge da relação dinâmica entre o artesão, a matéria-prima e as ferramentas. O conhecimento técnico não é estático, mas se desenvolve conforme o praticante experimenta, ajusta seus gestos e refina suas habilidades.

Como argumenta Tito Tortori (2024), os sentidos desempenham um papel essencial na relação do artesão com a matéria, pois é através da textura da argila entre os dedos, da resistência da massa ao toque, da fina sensação de umidade e plasticidade que o oleiro desenvolve um conhecimento profundo do material e de suas possibilidades.



Além disso, o aprendizado no torno envolve uma dimensão tátil e sensorial, como explica o Mestre Tibúrcio ao falar sobre a importância do contato com a argila: “Se o barro for seco aqui, ele se tora. Tem que ter água pra o dedo deslizar no barro, ou o barro deslizar no dedo, tanto faz.” Essa percepção reforça a visão de Ingold (2011) de que o aprendizado artesanal é um processo de correspondência entre o corpo e o material, onde o artesão “lê” a matéria e responde a suas variações.

No entanto, essa transmissão do saber-fazer enfrenta desafios crescentes, como aponta Fábio Mura (2011). A modernização e as mudanças no mercado reduziram a presença de aprendizes, tornando o conhecimento técnico cada vez mais restrito a poucos mestres. O próprio Mestre Tibúrcio reconhece essa dificuldade: “Tem eu e meu genro. Mas eu trabalho sozinho.”. Sem a estruturação de espaços para a prática e a formação de novos oleiros, há o risco real de que as técnicas tradicionais desapareçam com o tempo, comprometendo a continuidade do ofício.

### **3.3 Estratégias para a continuidade do saber-fazer como base para o desenvolvimento sustentável**

A permanência da cerâmica tradicional como ofício viável exige atenção às condições de transmissão do conhecimento técnico entre gerações. No caso específico da modelagem no torno, a aprendizagem depende de um processo intensivo de repetição, prática livre e correção contínua, que demanda tempo, espaço adequado e acompanhamento experiente. Como aponta Marcel Mauss (2003), as técnicas do corpo são assimiladas pela prática reiterada, e não por meio de instruções verbais isoladas. Entretanto, nas observações realizadas até o momento, foi possível notar que muitos mestres não contam com estrutura suficiente para receber aprendizes de forma contínua, e que a transmissão tende a ocorrer de maneira informal, sem suporte institucional ou políticas de fomento.

Com base nas observações de campo e na bibliografia especializada — especialmente nas reflexões de Borges (2011), Andrade e Cavalcanti (2006) e Tito Tortori (2024) —, este estudo sugere algumas possibilidades exploratórias para fortalecer a continuidade do saber-fazer oleiro. Essas proposições não são soluções definitivas, mas hipóteses a serem aprofundadas nas próximas etapas da pesquisa.

#### **Criação de oficinas intergeracionais com foco na prática contínua**

A realização de oficinas conduzidas por mestres experientes pode proporcionar aos aprendizes a oportunidade de desenvolver habilidades no torno em um ambiente de experimentação e erro. Como destaca Borges (2011, p. 66), “o incremento técnico passa pelo aperfeiçoamento da própria prática artesanal”, sendo necessário tempo e condições adequadas para que o saber se incorpore ao corpo. No entanto, é preciso investigar a disponibilidade dos mestres, o interesse da comunidade e as possibilidades de financiamento dessas iniciativas.

#### **Documentação sistemática dos processos técnicos**

Frente à oralidade como principal meio de transmissão, a documentação audiovisual aparece como alternativa complementar para registrar os gestos e processos produtivos. Como sugere Borges (2011, p. 114), “uma forma de ajudar nessa ‘ancoragem’ é a sistematização da memória de técnicas [...] que já existiram numa comunidade e depois [...] perderam-se”. Ainda assim, é necessário reconhecer os limites dessa estratégia diante da natureza sensível e experiencial do



aprendizado, que, segundo Ingold (2011), ocorre como uma correspondência entre corpo e matéria. Para esse autor, a habilidade não é adquirida por imposição de um plano mental sobre a matéria, mas por um processo contínuo de atenção e ajuste em resposta ao comportamento do material. Assim, o aprendiz não domina a argila por força, mas desenvolve sensibilidade a partir da escuta do material — um saber que se constrói na relação em movimento entre mãos, olhos, torno e barro.

### **Desenvolvimento de materiais pedagógicos sensíveis ao aprendizado artesanal**

A criação de cartilhas ilustradas, vídeos tutoriais e outros suportes acessíveis pode apoiar interessados que não possuem contato direto com mestres. Esses materiais devem respeitar o caráter tátil e perceptivo do ofício. Para Tortori (2024), “o gesto do artesão é ao mesmo tempo um ato técnico e perceptivo”, pois cada ajuste do corpo revela uma compreensão construída na experiência. O gesto, nesse sentido, é portador de memória e escuta — não apenas da tradição, mas da resposta da matéria em tempo real. Isso exige que os materiais didáticos não apenas descrevam processos, mas valorizem o tempo, a dúvida, a tentativa e o erro como partes constitutivas da aprendizagem.

### **Estabelecimento de espaços de aprendizagem contínua**

A criação de espaços abertos, com acesso a tornos e materiais para prática livre, pode oferecer uma alternativa à pressão produtiva dos ateliês comerciais, fornecendo aos aprendizes em formação a estrutura necessária para o encorporamento das técnicas aprendidas com os mestres oleiros.

Um exemplo inspirador pode ser encontrado em Cunha (SP), reconhecida como um dos mais importantes centros de cerâmica artística da América Latina. Em 1975, ceramistas como o casal japonês Toshiyuki e Mieko Ukeseke, o português Alberto Cidraes e os irmãos Vicente e Antônio Cordeiro introduziram na cidade a técnica japonesa do forno noborigama, promovendo a cerâmica de alta temperatura. Essa iniciativa impulsionou a criação de ateliês e a realização de eventos culturais, como o Festival de Cerâmica de Cunha, iniciado em 2005.

Em 9 de janeiro de 2009, foi fundado o Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC), com o objetivo de promover o crescimento e a difusão da atividade cerâmica, além de ações educativas e culturais para a população local. O ICCC atua como centro de formação, museu e espaço cultural, promovendo cursos, oficinas e eventos que incentivam a prática cerâmica e a valorização do saber-fazer artesanal. Além disso, o instituto organiza o Festival Internacional da Cerâmica de Cunha, evento anual que reúne ceramistas de diversas regiões, promovendo intercâmbio de técnicas e saberes.

A experiência de Cunha demonstra como a articulação entre mestres artesãos, instituições culturais e políticas públicas pode fortalecer a continuidade de técnicas tradicionais, servindo como modelo para outras comunidades, como Tracunhaém.

### **Fortalecimento de redes colaborativas entre mestres oleiros, instituições de ensino e políticas públicas**

Como sugerem Andrade e Cavalcanti (2006), a valorização do artesanato depende da articulação entre saber tradicional, ensino formal e políticas públicas participativas. Um exemplo citado no livro *Imaginário Pernambucano* é o trabalho desenvolvido com as bordadeiras de Pesqueira (PE), no qual o reconhecimento das práticas locais foi acompanhado



por ações de formação, qualificação técnica, valorização simbólica e desenvolvimento de produtos vinculados à identidade do território. Esse processo, conduzido em diálogo com as artesãs, resultou não apenas em melhorias estéticas e técnicas, mas no fortalecimento da autoestima, da renda e do reconhecimento coletivo do ofício. Assim como em Pesqueira, em Tracunhaém seria possível pensar ações construídas em colaboração com os mestres oleiros, respeitando seus tempos, modos e saberes.

Como destaca Mura (2011), as técnicas não existem isoladamente: fazem parte de sistemas sociotécnicos que envolvem agentes, contextos, práticas e políticas. Criar redes de apoio entre mestres, universidades, centros culturais e gestores públicos pode fortalecer essas práticas e ampliar sua transmissão.

Essas sugestões, tratam-se de direções preliminares, construídas a partir das observações iniciais da pesquisa e fundamentadas por autores que atuam na interface entre design, cultura e técnicas tradicionais. As próximas etapas da pesquisa de mestrado em andamento buscarão aprofundar essas hipóteses, a partir de um mapeamento mais amplo da comunidade oleira de Tracunhaém e do levantamento de percepções junto aos próprios artesãos.

#### 4. Considerações finais

O ofício dos mestres oleiros, especialmente a modelagem no torno, expressa um saber-fazer que ultrapassa a dimensão técnica, envolvendo modos de vida, sensibilidades e formas singulares de relação com a matéria. No entanto, os dados preliminares desta pesquisa apontam que essa transmissão intergeracional tem sido afetada por mudanças nas dinâmicas sociais, econômicas e institucionais, exigindo atenção e estratégias voltadas à sua continuidade.

O estudo revelou, por meio de observações e entrevistas iniciais, que o aprendizado do torno exige tempo, prática contínua e convivência com os mestres — condições nem sempre disponíveis em contextos marcados por pressões produtivas e ausência de políticas públicas voltadas ao fortalecimento das práticas artesanais. Como argumenta Marcel Mauss (2003), o conhecimento técnico é incorporado pelo corpo, e não apenas transmitido por instruções. Essa perspectiva é reforçada por Tim Ingold (2011), ao descrever o aprendizado como uma correspondência entre corpo e matéria, em que o gesto se forma na escuta ativa das respostas do material.

Nesse processo, o design pode atuar não como substituto do saber tradicional, mas como mediador de estratégias que respeitem e fortaleçam essas práticas. A partir de autores como Borges (2011) e Andrade e Cavalcanti (2006), compreende-se que o papel do design vai além da forma: trata-se de criar condições para que os conhecimentos sejam preservados, compartilhados e adaptados às transformações contemporâneas, sem descaracterizar sua origem. Como lembra Borges (2011, p. 147), o pressuposto básico dessa aproximação deve ser o respeito, que nasce do conhecimento atento sobre a cultura material do outro.

A pesquisa evidenciou, ainda que de modo inicial, que há espaço para a construção de propostas sustentáveis que articulem mestres, aprendizes, instituições e redes colaborativas. Exemplos como a experiência das bordadeiras de Pesqueira ou o circuito cerâmico de Cunha (SP) ilustram caminhos possíveis, nos quais o design se alia ao território, à cultura e à educação para dar continuidade a ofícios tradicionais de maneira crítica e participativa.

Entretanto, é preciso reconhecer os limites desta etapa da investigação. Os dados ainda não permitem generalizações ou propostas fechadas. Por isso, as proposições apresentadas ao longo



do texto devem ser lidas como hipóteses exploratórias, orientadas por um olhar atento ao campo e sustentadas por referenciais teóricos comprometidos com a valorização do saber artesanal.

Como destaca Tito Tortori (2024), a prática artesanal é “um diálogo contínuo entre o corpo e a argila, onde a experiência acumulada se manifesta em cada gesto”. A continuidade desse diálogo exige mais do que preservação: requer abertura para a escuta, para o compartilhamento e para a invenção de novas formas de aprender, ensinar e transformar.

As etapas seguintes da pesquisa buscarão ampliar o mapeamento da comunidade oleira de Tracunhaém, sistematizar as técnicas de modelagem no torno e construir, junto aos mestres e aprendizes, estratégias participativas que articulem tradição e futuro. Assim, espera-se contribuir para a salvaguarda do saber-fazer cerâmico não como um relicário do passado, mas como campo vivo de criação, memória e pertencimento.

## Referências

ANDRADE, Ana Maria Queiroz; CAVALCANTI, Virgínia Pereira (Coord.). Imaginário Pernambucano: design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável. Organização: Ana Maria Queiroz de Andrade... et al. - Recife: Zoludesign, 2006.

BORGES, A. Design + Artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

INGOLD, Tim. Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2011.

KRUCKEN, Lia. Design e Território: Valorização de Identidades e Produtos Locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MURA, Fabio. Antropologia das técnicas: questões teórico-metodológicas. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 47-68, jan./jun. 2011.

TORTORI, Tito. O (re)TORNO. Disponível em: [https://docs.google.com/document/d/1wirYvnj9tD61QPHsuQsAihZlr9lbwZft/edit?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZeFq37r5OrR8M5ivvC3ZAMvdZRz5TZF4zPyWVP-i3T5qJQ0MJhLGSUWQs\\_aem\\_8ghWkrpnFCAHQuU0cOmsq](https://docs.google.com/document/d/1wirYvnj9tD61QPHsuQsAihZlr9lbwZft/edit?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZeFq37r5OrR8M5ivvC3ZAMvdZRz5TZF4zPyWVP-i3T5qJQ0MJhLGSUWQs_aem_8ghWkrpnFCAHQuU0cOmsq). Acesso em: 3 dez. 2024.